

## ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO HUMANA

### Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural

Georgyanna Andréa Silva Morais<sup>13</sup>

**RESUMO:** O presente artigo trata de uma pesquisa bibliográfica cujo objeto é a alfabetização na perspectiva da formação humana, portanto, está fundamentado nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. Tem como objetivo analisar a partir das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para o campo da alfabetização nos estudos de Martins (2013); Dangió e Martins (2018); Martins e Marsiglia (2015); Galvão, Lavoura e Martins (2019). Evidenciamos que, para a Psicologia Histórico-Cultural, a alfabetização é vetor de promoção da formação humana à medida que promove um ensino intencional e sistematizado, para além da decodificação e codificação dos símbolos gráficos, possibilitando a ampliação das funções psíquicas superiores e, portanto, contribuindo para o desenvolvimento do psiquismo humano.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Formação humana. Aprendizagem.

**ABSTRACT:** This article is a bibliographic research whose object is literacy in the perspective of human formation and, therefore, is based on the assumptions of Historical-Cultural Psychology. It aims to analyze the contributions of Historical-Cultural Psychology to the field of literacy and is based on the studies of Martins (2013); Dangió and Martins (2018); Martins and Marsiglia (2015); Galvão, Lavoura and Martins (2019). We show that, for Historical-Cultural Psychology, literacy is a vector for the promotion of human formation as it promotes an intentional and systematic teaching, in addition to the decoding and coding of graphic symbols, enabling the expansion of higher psychic functions and, therefore, contributing to the development of the human psyche.

**Keywords:** Literacy. Human formation. Learning.

**RESUMEN:** Se trata de una investigación bibliográfica cuyo objeto es la alfabetización en la perspectiva de la formación humana. Tiene como objetivo analizar los aportes de la Psicología Histórico-Cultural al campo de la alfabetización a partir de los estudios de Martins (2013); Dangió y Martins (2018); Martins y Marsiglia (2015). Mostramos que, para la Psicología Histórico-Cultural, la alfabetización es un vector de promoción de la formación humana ya que promueve una enseñanza intencional y sistematizada, posibilitando la expansión de funciones psíquicas superiores, contribuyendo así al desarrollo de la psique humana.

**Palabras clave:** Alfabetización. Formación humana. Aprendizaje.

---

13 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2014). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Alfabetização e Pedagogia Histórico-Crítica - GEPAPHC.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo destaca a importância da alfabetização como porta de acesso à cultura letrada, enfatizando a dimensão social e histórica do processo de aprendizagem da linguagem escrita, numa perspectiva de complexificação do psiquismo e formação humana.

Ler e escrever não são atividades espontâneas, mas processos que necessitam de ensino sistemático e intencional, por isso a conversão da escola na forma principal de ensino e educação. É justamente no espaço escolar que devem ser desenvolvidos processos educativos de maneira significativa e intencional por meio das interações sociais, neste contexto, com o propósito de mediar a apropriação da linguagem escrita.

Segundo Mortatti (2006), historicamente, a alfabetização no Brasil perpassou por quatro fases: a metodização do ensino da leitura, a institucionalização do método analítico, a alfabetização sob medida e a desmetodização do ensino, as quais não possibilitaram uma reflexão mais aprofundada no que se refere à relevância da mediação como interposição de conteúdo que provoca transformação no processo de aprendizagem da linguagem escrita, pois ora baseiam-se em métodos sintéticos/analíticos ou limitam-se ao nível maturacional da criança e aos processos cognitivos de como constroem a escrita.

Desta forma, a proposta deste texto é promover uma revisão de literatura tendo como objetivo geral analisar as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para o campo da alfabetização, com base nos estudos de Martins (2013); Dangió e Martins (2018); Martins e Marsiglia (2015); Galvão, Lavoura e Martins (2019). É da maior relevância que os professores alfabetizadores compreendam que ao alfabetizar estão trazendo uma nova forma de perceber o mundo, algo novo para as crianças tanto de forma objetiva quanto subjetiva e por isso necessitam trabalhar as razões humanizantes.

A Psicologia Histórico-Cultural fundamenta-se no materialismo histórico-dialético, que se caracteriza por captar a realidade objetiva como um todo, considerando o percurso histórico com todas as suas contradições e transformações. Destaca ainda a importância das relações sociais no desenvolvimento do psiquismo humano, visto que os seres humanos não se humanizam sozinhos e se tornam seres sociais por conta das mediações sociais que ora os transformam e ora são transformadas por eles.

O ponto nodal da perspectiva histórico-cultural é conceber a alfabetização como um processo de complexificação do psiquismo humano, pois está vinculada ao desenvolvimento da linguagem escrita. Diante disso, o presente estudo propõe uma reflexão com base na concepção de alfabetização nessa perspectiva, buscando contribuir para o avanço da compreensão da linguagem escrita por parte dos professores.

Sendo assim, partindo do contexto social, as contribuições da perspectiva histórico-cultural são de imensa relevância para a formação e execução do trabalho pedagógico com o intuito de promover a formação humana visando as lutas da classe trabalhadora.

É de suma importância que se compreenda que a qualidade dos processos de

ensino é que determinado nível de transformação no sujeito, visto que nem toda aprendizagem promove desenvolvimento. A aprendizagem é uma espiral crescente e, portanto, o resultado das relações sociais que influenciam os aspectos biológicos dos homens, no desenvolvimento do psiquismo e na utilização da linguagem como instrumento de comunicação entre os seres humanos.

## **2. A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL**

Ao analisar historicamente as fases da alfabetização no Brasil, é possível perceber que, nesse processo, não se realizou uma reflexão mais aprofundada em relação à importância da mediação pelo professor no processo de ensino e aprendizagem e apropriação da leitura e escrita, pois se limitaram à questão dos métodos sintéticos e analíticos[BF1], e aos processos cognitivos ligados ao nível maturacional das crianças, focando em como aprendem a escrever, despreocupando-se com o como ensinar.

Contribuindo para preencher essa lacuna, Martins e Marsiglia (2015) apresentam a abordagem crítica da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski sobre a alfabetização, fundamentada no método materialista-dialético e baseada no aporte teórico-metodológico da lógica dialética, tendo como objeto de estudo a realidade concreta, captando-a no seu movimento real com todas as contradições e transformações.

Na perspectiva da lógica dialética, compreender a realidade na sua totalidade significa entender que não é possível construir conhecimento somente dividindo a realidade em partes e, em seguida, fazendo o somatório das partes do objeto, mas é necessário captar o todo com suas múltiplas determinações e transformações que o constituem, pois não é possível analisar ou compreender os fenômenos estando os indivíduos fora do contexto da sua realidade, se são constituídos pelo contexto no qual estão inseridos.

Além disto, o princípio do movimento destaca a importância de considerar-se o processo de transformação buscando compreender o trânsito do fenômeno ou objeto estudado. Tratando-se da realidade, significa abordar todas as mudanças quantitativas e qualitativas do simples ao complexo, observando como chegou a ser, o que é e o que poderá ser. E quanto às contradições, significa dizer que, com a identidade dos contrários, os opostos no processo de transformação se contrapõem e se transformam sucessivamente.

Diferente do enfoque construtivista, o enfoque histórico-cultural considera fundamental a matéria viva na relação organismo-meio, ou seja, os processos de evolução biológica diferenciam os homens dos animais por conta da capacidade humana intencional de se adaptar ao meio de acordo com suas necessidades, capacidade ligada à atividade vital humana, o trabalho. Por meio do trabalho, o homem é capaz de produzir cultura, porque produz condições de vida, constrói história e transforma o ambiente social.

O enfoque histórico-cultural coloca em destaque como os seres humanos se constituem por meio das interações sociais, as quais influenciam a natureza biológica e, muitas vezes, se contrapõem nas relações entre o sujeito e o meio, resultando assim no compor-

tamento humano. Por isso, a lei genética do desenvolvimento cultural do psiquismo afirma que as funções do desenvolvimento humano passam por dois planos, primeiro o intersíquico (decorrente das relações sociais) e em seguida intrapsíquico (de maneira mais subjetiva, após as vivências sociais, trata-se do que foi apropriado e ficou guardado na mente).

A criança é um ser social, que participa deste universo simbólico e cultural desde o seu nascimento, o que faz Martins e Marsiglia (2015, p. 25) afirmarem que,

[...] a vida em sociedade é fator determinante da própria constituição biológica dos homens. A sociedade, portanto, não é uma força externa e apartada do indivíduo à qual ele deva adaptar-se por força das circunstâncias, mas aquilo que historicamente o tem criado.

Como seres sociais, os homens se comunicam através da linguagem e para que possam dominar o ato de ler e escrever, que não são atividades naturais, é necessário passar por processos sistematizados e formativos para se apropriarem dos conhecimentos científicos historicamente produzidos pela humanidade.

Durante esse processo de apropriação do que a humanidade já produziu, vem à tona a questão da interiorização dos signos e as transformações que eles provocam nos processos psíquicos que já existem. Para tanto, um dos conceitos chave da teoria de Vigotski é a mediação, que significa “[...] interposição que provoca transformações, encerra intencionalidade socialmente construída e promove desenvolvimento, enfim, uma condição que, internalizada, potencializa o ato de trabalho, seja ele prático ou teórico” (MARTINS, 2013, p. 46). Desse modo, mediar é interpor conteúdos significativos na relação do aluno com o objeto de estudo com o objetivo de promover a aprendizagem, transmitindo o conhecimento científico acumulado, problematizando e possibilitando que o aluno desenvolva suas funções psicológicas superiores a ponto de conseguir analisar e transformar a realidade na qual está inserido.

A Psicologia Histórico-Cultural defende inteiramente a contribuição da educação escolar para o desenvolvimento do psiquismo humano, principalmente por meio do trabalho com os conteúdos clássicos, que permitem o salto qualitativo de funções psicológicas elementares para funções psicológicas superiores, através de atividades planejadas intencionalmente pelos professores para a obtenção dos seus objetivos.

Para o autor Vigotski, as crianças se desenvolvem mediante as aprendizagens numa relação dialética. Na medida em que acontece a aprendizagem, o psiquismo se desenvolve e assim sucessivamente, mas isso não significa que toda aprendizagem promova desenvolvimento, pois a aprendizagem significativa que promove desenvolvimento humano deve estar para além de aprender apenas técnicas, mecanização e treinamento de habilidades, mas sim o estudo e compreensão de conteúdos científicos que promovam a formação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Com as relações sociais, seja no contexto escolar ou fora dele, a apropriação da cultura acontecerá por meio de mediações significativas dos pares mais experientes. O

indivíduo internaliza o novo conhecimento que o transforma para que em seguida possa transformar a sua realidade de acordo com as suas necessidades de adaptação.

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a linguagem escrita é o aprimoramento das funções psicológicas superiores como condição de formação humana, para além do caráter instrumental da alfabetização, e desenvolve-se em etapas: pré-instrumental (escrever imitando o adulto, sem atribuir significado e sem função mnemônica), atividade gráfica diferenciada (a escrita ainda não tem significado em si mesma, mas apresenta significado ao desempenhar a função mnemônica), escrita pictográfica (o desenho é utilizado como meio de registro, signo e símbolo) e escrita simbólica (domínio das técnicas e operações da escrita).

Assim, conforme Martins e Marsiglia (2015, p. 73), a alfabetização é,

[...] um processo de apropriação, pelos indivíduos, de uma forma específica de objetivação humana: a escrita. Essa objetivação é produto histórico do trabalho, da vida social e, como tal, assenta-se, necessariamente, na prática social”.

Portanto, nesta dimensão, se compreende que para que a alfabetização tenha significado e sentido social com base nas diferentes formas de utilização, é necessário que o professor saiba realizar uma intervenção pedagógica significativa e relevante que supere o caráter tecnicista de decodificar e codificar letras e avance ao processo de formação humana.

A alfabetização, na perspectiva de formação humana, destaca, inicialmente, que existem diversos conteúdos alfabetizadores para além do trabalho com as letras do alfabeto, as crianças e os demais alunos precisam do conhecimento produzido coletivamente e historicamente pela humanidade, para que possam relacioná-los a sua vida real, e possam até aprender a significar o que fazem na sala de aula.

### **3. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A ALFABETIZAÇÃO**

A Psicologia Histórico-Cultural advoga que os seres humanos são o resultado da relação entre o biológico e o social, por isso traz para o centro dos seus estudos a categoria trabalho como atividade vital humana que permite a inserção do indivíduo na história do gênero humano. O desenvolvimento da referida atividade requer o desenvolvimento da consciência (com saber) e que os homens saibam planejar e executar suas ideias. Assim, para Martins (2013, p.10):

[...] para que os indivíduos se insiram na história, humanizando-se, eles precisam de educação, da transmissão da cultura material e simbólica por parte de outros indivíduos. No ato educativo, condicionado pelo trabalho social, reside a protoforma do ser social, isto é, de um ser cujo desenvolvimento é condicionado pela qualidade das apropriações que realiza.

A educação escolar, com base na Psicologia Histórico-Cultural, promove o desen-

volvimento do psiquismo e conseqüentemente da formação humana, ocasionando o salto qualitativo de funções psíquicas elementares para funções psíquicas superiores. Porém, é de extrema importância a qualidade dos signos que deverão ser apropriados através da mediação durante o ensino escolar.

Inicialmente, deve-se recordar que o referido estudo se baseia no materialismo histórico-dialético, que defende plenamente a natureza social do homem, pois o que a natureza e os aspectos biológicos não proporcionam passa a ser produzido pelo homem por meio do trabalho sobre a natureza, o que promove desenvolvimento do psiquismo como resultado das apropriações possíveis durante a relação homem/natureza.

O psiquismo, conforme Martins (2013), é um sistema interfuncional que une matéria e ideia (orientando o comportamento), graças ao qual se elabora a imagem subjetiva da realidade e é por meio dele que o homem se vincula à natureza. O psiquismo humano é desenvolvido com base nas atividades que o sujeito realiza na sua relação com o meio, na qual os sujeitos se apropriam dos signos (imagem da realidade construída pelos homens, meios auxiliares para solucionar problemas, ferramentas de trabalho), os quais recebem determinado significado que é internalizado pelo sujeito por meio da atividade e passa a modificar as relações.

As funções psíquicas elementares correspondem às respostas aos estímulos e expressam a relação funcional entre sujeito e objeto, enquanto as funções psíquicas superiores são resultantes das atividades que sustentam a relação entre indivíduo e tudo que está a sua volta e resulta da apropriação dos signos da cultura que transformam o aspecto biológico, o legado natural. Portanto, o psiquismo resulta exatamente desta constante contradição provocada pela transformação do elementar ao superior ou complexo.

É importante ressaltar que a atividade mencionada não corresponde exatamente à tarefa simples da escola que as crianças levam para responder ou pintar em casa, com perguntas e respostas, mas refere-se à atividade humana que é ocasionada por buscar responder a uma necessidade, e para isso necessita de uma intencionalidade, motivo para a sua realização, e é exatamente o que move o sujeito no seu vínculo com o mundo que o rodeia.

As funções psíquicas superiores como resultado dessas atividades realizadas pelos homens, resultam também na formação do comportamento culturalmente elaborado. Relembrando pontos importantes, o psiquismo humano tem natureza social, portanto, a sociedade tem grande influência na vida humana, na formação da personalidade do sujeito por meio das relações sociais que vão gerar nesse sujeito a internalização que permite que as funções do desenvolvimento humano passem por dois planos, o intersíquico e o intrapsíquico.

A lei da internalização proposta pela Teoria Histórico-Cultural postula que o desenvolvimento humano acontece sim em períodos, porém em uma espiral dialética, pois há avanços e recuos, paralisações e saltos qualitativos, o que originará as neoformações

caracterizadas como as novas estruturas formadas na personalidade da criança de acordo com as atividades que promovem mudança no psiquismo infantil.

Diante da discussão proposta, encaminha-se agora para o conceito de mediação dentro da Psicologia Histórico-Cultural, que significa fazer interposição de conteúdo, interferir potencializando o trabalho intelectual, provocando transformação. Nesta dimensão, a escola deve disponibilizar um universo de significados e conteúdos, cujo acesso fora dela não seria possível, adequando esse conteúdo à forma e ao destinatário.

É exatamente a qualidade dos processos de ensino que determinam o nível de transformação no sujeito, por isso a importância de considerar também a tríade mencionada anteriormente ao transmitir os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. A educação escolar baseada na Psicologia Histórico-Cultural deve estar a serviço da formação humana do sujeito, tanto na atividade de quem ensina quanto de quem aprende, focalizando no desenvolvimento de atividades que tornem possível a apropriação das objetivações humanas.

As crianças estão em situações sociais de desenvolvimento distintas, e isto deve ser levado em conta e não a sua idade ou o seu nível maturacional, no momento da atividade de ensino, pois as idades dos alunos não têm correlação com os aspectos do desenvolvimento do psiquismo humano. A educação escolar deve propiciar a formação do pensamento abstrato, e isto requer o domínio da Teoria Histórico-Crítica, pois há uma lógica de ensino e a lógica da aprendizagem.

O pensamento do professor deve ser sintético, já que desenvolve a atividade de ensino, precisa ter domínio dos conteúdos que deve ensinar, portanto deve ter domínio das objetivações de conhecimentos, enquanto o pensamento do aluno é sincrético, durante a atividade de aprendizagem deve se apropriar dos conhecimentos mediados pelo professor. E dentro desta lógica de ensinar e aprender tem destaque a mediação, que pode receber a nomeação análise, que permite a superação da síncrese e avanço para a síntese.

De acordo com Martins (2013), o psiquismo como sistema interfuncional engloba os processos funcionais, que são extremamente relevantes para melhor captação das objetivações da realidade, a saber: sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação e emoção e sentimento. Não haverá aqui uma caracterização e discussão ampla a respeito dos processos funcionais, no entanto é pertinente mencioná-los e discorrer sobre alguns dos seus aspectos, sobretudo porque são essenciais para a relação entre psiquismo e educação escolar, e a contribuição para o processo de alfabetização.

Sobre o processo funcional sensação, Martins (2013, p.122) afirma que “[...] desempenham um papel de primeira grandeza na formação da imagem subjetiva da realidade, representando, por assim dizer, a ‘porta de entrada’ do mundo na consciência”. Ou seja, os órgãos dos sentidos permitem a captação dos fenômenos da realidade de maneira parcial, isolada, por partes, já que cada órgão do corpo humano tem uma função.

A respeito da percepção, pode-se destacar que está ligada à formação da consciência assim como o processo funcional sensação. Porém, perceber é diferente de sentir, assim, por meio da percepção é possível captar o objeto na sua totalidade, o que torna possível a unidade dos aspectos do fenômeno percebido. Todo objeto percebido pressupõe que haja uma representação para o indivíduo, uma espécie de conceito ou significado dentro do contexto da consciência social a que pertence.

Durante a vida escolar e até pessoal, não raro costuma-se ouvir a expressão “preste atenção” ou “atenção” e até parece que todos, desde as crianças aos mais idosos, compreendem a complexidade ou relevância destas frases. A atenção é um processo funcional que precisa ser ensinado, precisa ser construído, talvez um dos mais importantes para o processo de alfabetização e educacional em geral. Ter atenção significa conseguir inibir os concorrentes e manter o foco no objetivo, na atividade, na imagem selecionada pela consciência.

A atenção se desenvolve durante todo o desenvolvimento do indivíduo. Inicialmente, com crianças pequenas, é necessário que a aprendizagem da atenção seja uma atividade mediada. É tarefa complexa, porém meios externos que sejam adequados à atividade realizada podem auxiliar e fazer com que mantenham o foco da atenção por mais tempo. Porém, em meio a aprendizagens e desenvolvimentos, o indivíduo sente a necessidade de dominar suas ações e manter o foco na atividade em que se quer obter êxito.

O processo funcional memória está relacionado exatamente com as questões de registro do que a humanidade vivenciou durante a sua história, e, portanto, memória de acordo com Martins (2013, p.154), “[...] é a formação da imagem por evocação daquilo que no passado foi sentido, percebido e atentado”, no entanto, há tipos distintos de memórias que poderão se desenvolver de acordo com a necessidade e objetivos do indivíduo durante o seu desenvolvimento humano, mediante o seu vínculo com as atividades da sua realidade.

A relação da memória com a idade escolar da criança é extremamente importante, considerando que, para que se apropriem dos conceitos, signos e significados, precisam recordar o objeto, pensar sobre sua relação passada com o mesmo e o que conseguiu fixar na memória. Portanto, é necessário que avancem da memória involuntária para a voluntária, para assim, o aluno ter consciência de que precisa reter determinado conhecimento ou conteúdo para realização das suas atividades.

Conforme os estudos de Martins (2013), a linguagem é um sistema de signos que permite a comunicação entre as pessoas e, além disso, é por meio da mesma que há também o desenvolvimento da atividade intelectual através do uso dos signos, das palavras, que “[...] são os embriões da interpretação da realidade, e como tal desempenham um papel decisivo na determinação da atividade psicológica” (MARTINS, 2013, p. 175).

Na relação do indivíduo com a realidade está a origem do pensamento, que se desenvolve a partir do momento que somente as experiências sensoriais não são suficientes para que resolvam desafios ou problemas. Portanto, o pensamento é “um processo funcio-



nal que visa o estabelecimento de conexões mentais entre dados captados da realidade imbricando-se à linguagem no curso da sua formação” (MARTINS, 2013, p.224). Para que haja transformações qualitativas no pensamento é necessária a apropriação, o domínio dos conceitos científicos, que possibilitará ao aluno, um novo sistema de conceitos e significados potencializador de mudanças efetivas em sua relação com o contexto social.

Geralmente, ao se ter contato com crianças e muitas vezes observá-las brincando e com frequência ouvir suas histórias ou algum relato muitas vezes sobre algo incomum e engraçado, costuma-se comentar “que as crianças possuem imaginação fértil”. No entanto, tais situações se configuram como fantasia, pois a imaginação da criança não é mais fértil que a do adulto, visto que ela ainda não dispõe de pensamento abstrato. Na verdade, a imaginação é a construção da imagem antecipada do produto da atividade que o indivíduo precisa realizar.

Na relação sujeito e objeto, é imprescindível que o objeto afete o sujeito de alguma forma para que haja a formação da imagem. Isto significa que, diante da atividade com os objetos, o ser humano reage a isto e mobiliza todos os processos funcionais que irá configurar ou caracterizar suas vivências. Contudo, deve-se reiterar que o ser humano percebe suas emoções e sentimentos sob a forma de conceito e significado, ou seja, a emoção é uma reação com base nos sentidos enquanto os sentimentos são resultados do domínio da conduta, da relação entre emoções negativas e positivas e mobilizam-se em conjunto diante do contato com o objeto ou realidade.

Todos os processos funcionais contribuem para a alfabetização na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, tendo em vista que o processo educativo também é um processo de humanização, e as transformações no psiquismo acontecem devido às mediações realizadas pelo trabalho pedagógico do professor que dispondo de tais conhecimentos poderá obter êxito e conseguir propiciar um ensino que trabalhe de fato a leitura e a escrita como comportamentos culturalmente formados.

A Psicologia Histórico-Cultural promove a reflexão crítica e significativa sobre o processo de mediação na aprendizagem da linguagem escrita, por estar pautada filosófica e metodologicamente no materialismo histórico-dialético. Nessa perspectiva, é de extrema relevância que o professor compreenda a situação social de desenvolvimento psíquico do aluno, qual a sua relação com a história da linguagem na humanidade e como estes aspectos estão relacionados à alfabetização, visto que, leitura e escrita constituem o domínio de expedientes altamente complexos e abstratos, concebendo a alfabetização como processo de complexificação do psiquismo que está vinculada ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Seguindo a linha de pensamento crítico, é possível compreender então que as crianças não precisam atingir determinada idade para que possam ser alfabetizadas, pois de acordo com Dangió e Martins (2018), é necessário superar esta ilusão de hora certa, e dar ênfase ao processo que antecede a apropriação da leitura e da escrita, o que contribui imensamente para o desenvolvimento das primeiras significações da alfabetização.

Sendo uma apropriação altamente complexa, a atividade da escrita promove transformações no córtex cerebral que, de acordo com Dangió e Martins (2018), se caracterizam por realizar a reciclagem neuronal, que consiste no reconhecimento por parte dos neurônios dos aspectos da alfabetização, como por exemplo, os distintivos das letras, direita e esquerda, em cima e embaixo. No planejamento do trabalho pedagógico, o professor deve considerar todas essas questões, inclusive relacionando-as à compreensão que os alunos têm da língua escrita ensinada.

A escrita representa a fala, porém não se escreve da mesma forma que se fala, por conta da relação fonema e grafema que produzirá, na criança, o desenvolvimento da consciência fonológica, que diz respeito à relação entre o som e o que representa na escrita (letras). Para tanto, para obter êxito no trabalho pedagógico, o professor precisa ter domínio sobre morfologia, fonologia, fonética, sintaxe, semântica e pragmática para um ensino eficaz da língua portuguesa como objeto complexo.

Para as pessoas que ainda não se alfabetizaram, as letras são apenas riscos pretos em uma página branca (LEMLE, 1988 apud DANGIÓ; MARTINS, 2018), o que desperta o interesse da Psicologia Histórico-Cultural em refletir sobre o som e significado desses riscos, o que a sua aprendizagem promove no cérebro, quais as transformações que a alfabetização provoca no desenvolvimento humano.

Para que a criança desenvolva suas capacidades linguísticas e comunicativas, é necessário que o professor trabalhe conteúdos essenciais, tais quais “[...] a compreensão e valorização da cultura escrita, apropriação do sistema de escrita, leitura, produção escrita e o desenvolvimento da oralidade” (BATISTA, 2005 apud DANGIÓ; MARTINS, 2018, p.91), o que enaltece o trabalho pedagógico na relevância dos processos pedagógicos e educativos.

Por outro lado, é de extrema importância que a escola tenha consciência de que a criança das classes populares, em geral, só tem acesso ao conhecimento externo da escrita por conta da sua situação de desenvolvimento social, pois fazem parte de uma classe social que foi excluída pelo sistema capitalista. Assim, é função da escola introduzir um sistema educativo que, além de promover letramento, contribua para a redução dessa desigualdade imposta pela classe dominante, de forma que se tenha então a tão almejada emancipação e formação humana.

Portanto, de acordo com Dangió e Martins (2018), o maior desafio do professor alfabetizador recai sobre conhecer a lógica da complexidade do desenvolvimento do psiquismo humano, a lógica da sociedade de classes, a estrutura da língua portuguesa com todos os seus aspectos altamente complexos, para que possa apresentar às crianças das classes populares o universo da alfabetização, destacando a leitura e a escrita enquanto promotoras da formação humana.

Nesta dimensão, compreende-se a riqueza dos aspectos propostos pela Psicologia Histórico-Cultural para a alfabetização, visto que:

Ao alfabetizar, o professor descortina o “novo” para a criança, tanto objetiva quanto subjetivamente, posto que, ao fazê-lo, está criando necessidades culturais, sendo esta, em última instância, a função precípua da educação escolar: criar motivos humanizantes (DANGIÓ; MARTINS, 2018, p. 248).

Em suma, diante do contexto da sociedade capitalista, e conhecendo a função social da escola, o professor alfabetizador precisa conhecer os aspectos linguísticos, históricos, estruturais e discursivos da língua portuguesa para trabalhar com os alunos, e superar a visão instrumentalista de Alfabetização, construindo uma nova forma de ensinar pautada na transformação social por parte dos alunos que se reconheçam como ser social capaz de objetivar a realidade por meio da escrita.

A prática educativa baseada no enfoque histórico-cultural supera a compreensão biologizante do indivíduo, e o compreende como um ser social que resulta da relação entre o biológico e o social e, portanto, trabalha com mediações significativas durante cada atividade guia dominante de cada período do desenvolvimento psíquico da criança, captando a sua situação social de desenvolvimento com o intuito de verdadeiramente superar o analfabetismo.

Diante da realidade social, e das inúmeras dificuldades no processo de alfabetização mesmo com tantos projetos, métodos e técnicas aplicadas por professores alfabetizadores, a teoria abordada durante todo o trabalho traz aspectos teóricos e metodológicos importantes para que se compreenda o desenvolvimento da linguagem escrita e se trabalhe a apropriação da mesma a partir do conhecimento do desenvolvimento do psiquismo ligado à educação escolar.

O enfoque histórico-cultural afirma que o ensino sistematizado promove o desenvolvimento das funções psíquicas que, certamente, influenciarão na aprendizagem da linguagem escrita, trabalhando para além da instrumentalização para o mercado de trabalho, adotando a perspectiva de formação humana para de fato o sujeito atuar e transformar o meio social no qual está inserido, podendo ser capaz de objetivar a realidade por meio da escrita e repassar às gerações seguintes.

A Psicologia Histórico-Cultural ressalta exatamente a essencialidade da alfabetização para a formação humana porque defende que todos devem ter acesso aos bens culturais da humanidade por meio da comunicação propiciada pela linguagem escrita, por isso a essencialidade do seu referencial metodológico, histórico, teórico pautado no materialismo histórico-dialético, abarcando todo o contexto da realidade das escolas, incluindo questões de classes sociais, questões de desenvolvimento das crianças, o trânsito dos acontecidos com seus saltos e recuos e contradições para que haja a transformação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização, para a Psicologia Histórico-Cultural, é um processo de formação humana na medida em que advoga o ensino da linguagem escrita, o ensino sistematizado e intencional com o objetivo de desenvolver funções psicológicas superiores que possibilitam a forma do indivíduo interpretar e atuar na realidade objetiva.

Assim, preconiza uma educação com o propósito de formação humana para que os sujeitos aprendam a ler e escrever não somente para dar conta das atividades do mercado de trabalho, mas para conseguirem alcançar melhores condições humanas, capacidade de transformar a sua realidade à medida que consiga satisfazer suas necessidades.

A contribuição da Psicologia Histórico-Cultural para a alfabetização permeia a essencialidade em compreendê-la como a apropriação da linguagem escrita, no processo de educação escolar, tendo em vista que os alunos necessitam compreender e apropriar-se dessa linguagem e, assim, desenvolver-se humanamente, transformando a si e à realidade social em que vivem.

Neste artigo, procuramos evidenciar que, para a Psicologia Histórico-Cultural, a alfabetização é vetor de promoção da formação humana à medida que promove um ensino intencional e sistematizado, para além da decodificação e codificação dos símbolos gráficos, possibilitando a ampliação das funções psíquicas superiores e, portanto, contribuindo para o desenvolvimento do psiquismo humano.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANGIÓ, Meire Cristina dos Santos; MARTINS, Lígia Márcia. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico**: contribuições didáticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

GALVÃO, Ana Carolina; LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Lígia Márcia. **Fundamentos da Didática Histórico-Crítica**. 1. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2019. (Não aparece no texto)

MARTINS, Lígia Márcia. **O Desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MARTINS, Lígia Márcia; MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A perspectiva construtivista e histórico-crítica sobre o desenvolvimento da escrita**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

MORTATTI, Maria do Rosário. Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: **Seminário Alfabetização e Letramento em Debate**: Brasília: Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2006, p. 1-16.